

“Casamento espúrio com a inflação vai terminar com a estabilidade econômica”

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

“O casamento espúrio com a inflação que vivem o próprio governo e os bancos vai terminar com a estabilização da economia”, alertou o presidente do Banco Central (BC), Pedro Malan, ontem, ao participar do seminário “Os Bancos em Cenário de Estabilidade Econômica”, organizado pela Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban) e pelo Instituto Brasileiro de Ciência Bancária (IBCB), em São Paulo.

O governo, adiantou Malan, vai abrir mão da inflação para financiar suas contas, corrigindo as receitas e despesas do Orçamento pelo novo indexador, a unidade de referência (UR), a ser anunciado hoje com o plano de estabilização do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso (ver página 3).

Mas Malan manifestou apreensão com a situação dos bancos oficiais em um cenário de estabilização econômica. “A adaptação dos bancos oficiais é mais complexa do que a dos privados, que vêm se ajustando desde o Plano Collor”, disse, lembrando que o Comitê Gerencial de Instituições Financeiras Federais (Conif), que reúne o Ministério da Fazenda e representantes dos bancos federais está exatamente discutindo a questão.

Quanto aos bancos estaduais, disse que o governo será duro: “Certos tipos de comportamento não serão mais permitidos. Os bancos estaduais serão tratados por critérios técnicos como as instituições privadas”. Lembrou que a Lei do “colarinho branco” já aprovada, que proíbe aos bancos financiar seus controladores também se aplica aos estaduais e que cabe aos governos dos estados financiar “responsabilidades sociais” com recursos orçamentários.

“Os bancos estaduais não podem ser o canal para que naufrague uma política monetária restritiva”, afirmou Gustavo Laboisire Loyola, que presidiu o BC de novembro de 1992 a março deste ano.

Wadico Bucchi, presidente do BC de junho de 1989 a março de 1990, e Fernão Bracher, outro ex-presidente, de agosto de 1985 a fevereiro de 1987, ressaltaram a necessidade

de independência do BC para a condução da política monetária durante o processo de ajuste econômico.

“O financiamento inflacionário do déficit público pelo BC é um entrave na sua atuação como defensor da moeda”, afirmou Bucchi, acrescentando que na década de 80 foram criadas 32 linhas diferentes de fomento à economia, como o apoio à pequena e média empresa, cujos recursos provinham do orçamento monetário.

Criticou também a pressão dos estados sobre o BC, através de seus bancos estaduais, receando que um eventual enxugamento monetário durante a estabilização deva levar os bancos estaduais a recorrer ao redesconto bancário, e a passividade do BC em atender a toda demanda de moeda feita pelo sistema, como o mecanismo de zeragem diária das instituições financeiras.

Para Loyola, o problema dos bancos estaduais está intimamente ligado à desorganização das finanças dos estados e da União. “Por isso, os bancos estaduais em melhor situação são os dos estados em situação fiscal melhor. O ajuste fiscal é que abrirá o caminho para a adaptação dos bancos estaduais, que também têm problemas de custos, inclusive derivados dos gastos com pessoal”, disse.

BANCOS PRIVADOS

Os especialistas diagnosticaram o impacto da estabilização econômica na atividade bancária. Como sintetizou Bracher, os bancos perderão receita com a redução do “floating” e das operações de arbitragem por causa da queda da inflação. Por outro lado, deverão ampliar as operações de crédito ao setor produtivo e cobrar mais pelos seus serviços.